



**FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS**  
**CURSO: PSICOLOGIA**

**ANÁLISE DAS CONTINGÊNCIAS QUE ATUAM NA  
MANUTENÇÃO DOS VÍNCULOS CONJUGAIS  
CONTEMPORÂNEOS**

**MIRTA MACHADO OLIVEIRA GONÇALVES**

**Brasília-DF**  
**Junho/2006**

**MIRTA MACHADO OLIVEIRA GONÇALVES**

**ANÁLISE DAS CONTINGÊNCIAS QUE ATUAM NA  
MANUTENÇÃO DOS VÍNCULOS CONJUGAIS  
CONTEMPORÂNEOS**

Monografia apresentada para  
conclusão do curso de Psicologia do  
UniCEUB – Centro Universitário de  
Brasília orientado pelo professor  
Geison Isidro Marinho

**Brasília/DF, Junho de 2006.**

Dedico esta monografia à minha família, principalmente ao meu marido e ao meu filho que me ensinaram o verdadeiro sentido dos vínculos.

Agradeço a Deus, aos meus familiares, aos meus colegas, professores e a todos que direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste objetivo.

### **Vínculos**

*Estamos falando de vínculos.  
Vínculo é tudo aquilo que liga, ata ou  
aperta.*

*É nó, é liame.*

*É o que dá nexa e sentido às frases e  
à própria vida.*

*Vincular-se significa*

*Relacionar-se com...Eternizar-se...*

*Perpetuar-se...Imortalizar-se.*

*A busca de vínculos*

*Equivale à busca pela própria vida,*

*Pela sua preservação, pelo seu  
desenvolvimento,*

*Pela sua continuidade...*

**Iara Camaratta Anton, (2002).**

## Resumo

As mudanças ocorridas na família contemporânea acompanharam as transformações sociais das últimas décadas. Os movimentos sociais como o feminismo, a liberação do divórcio, o surgimento da AIDS, a participação da mulher no mercado de trabalho, contribuíram substancialmente para importantes mudanças na estrutura familiar, sobretudo nas diferenças de papéis desempenhados por homens e mulheres. Espera-se que, atualmente, o homem seja um coadjuvante na criação dos filhos e que a mulher exerça, no mínimo, um papel auxiliar na economia da família. Os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles, por isso a dificuldade de manutenção dos vínculos conjugais. Os problemas conjugais estão entre os principais agentes de estresse, depressão e ansiedade dos indivíduos. Problemas sexuais, falta de confiança, falta de comunicação, brigas constantes, agressão verbal e física, infidelidade, dificuldades de redefinição da relação com a família de origem de cada um dos cônjuges, dificuldade de ajuste à maternidade e à paternidade entre outros, são os principais problemas apontados e podem levar ao fim do relacionamento. Para que a relação seja duradoura, é necessário que seja prazerosa e útil para os parceiros e que os mesmos aprendam a lidar com seus conflitos, permitindo a expressão segura dos mesmos, assim como a manutenção econômica e o apoio emocional. Diante da demanda cada vez maior, a terapia de casais é uma área crescente nas últimas décadas. Intervenções que levam em consideração o arcabouço teórico do Behaviorismo Radical são possíveis e têm se mostrado eficazes. O objetivo do plano terapêutico de atendimento a casais num enfoque comportamental é entender as queixas apresentadas pelos parceiros e ajuda-los a lidar com as dificuldades, propondo novos padrões de interações positivas entre os cônjuges. As estratégias mais utilizadas na área incluem treinamento em soluções de problemas, treinamento da comunicação, aumento de trocas positivas entre os casais, utilizando análises funcionais, levando em consideração a história de vida de cada um dos cônjuges e a dos dois como membros de uma díade, para identificar quais fontes de gratificação que cada um espera e obtém na relação e em sua interação com o meio.

**Palavras-chave:** casamento, relações conjugais, análise do comportamento, terapia de casais.

<b>Introdução</b> .....	<b>I</b>
<b>I – O surgimento do Casamento</b> .....	<b>V</b>
<b>II- Principais problemas apontados nas relações conjugais contemporâneas</b> .....	<b>IX</b>
<b>III- Como os princípios comportamentais atuam nas relações conjugais</b> .....	<b>XVI</b>
<b>IV- Como produzir relações conjugais saudáveis</b> .....	<b>XXIII</b>
1. Procedimentos de autocontrole .....	XXIX
2. Técnicas de relaxamento .....	XXIX
3. Construção de Hierarquias e Atribuições de Tarefas Graduais .....	XXX
4. Dessensibilização Sistemática .....	XXX
5. Criação de imagens .....	XXXI
6. Simulação .....	XXXI
7. O Contrato Comportamental .....	XXXI
8. Reforçamento .....	XXXI
9. Extinção .....	XXXII
10. Manejo de Recompensa .....	XXXII
11. Modelação .....	XXXII
12. Treinamento em Habilidades Sociais (THS) .....	XXXIII
13. Avaliação do prazer .....	XXXIII
14. Jogo de areia .....	XXXIV
<b>Conclusão</b> .....	<b>XXXVI</b>
<b>Referências Bibliográficas</b> .....	<b>XXXIX</b>

Na discussão sobre casamento contemporâneo várias questões são envolvidas ressaltando-se a relevância institucional do casamento e o papel que ele desempenha para o indivíduo. O casal contemporâneo é confrontado por duas forças paradoxais; a conjugalidade e sua individualidade. Todas as transformações, aos níveis macro e microsocial, repercutem sobre o projeto de conjugalidade e levantam indagações sobre que fatores seriam preditivos do sucesso ou insucesso em uma relação conjugal . Féres-Carneiro (1996), Gottman, Swanson & Murray (1999), Gottman & Silver (2000), Jablonski (1996,1998), Knudson-Martin & Mahoney (1996), Lawes (1999), ao identificarem um conjunto de problemas que envolvem, em tempos atuais, os casais, destacam que esses são historicamente delimitados, variando conforme o tempo e o contexto em que se inserem. Um exemplo clássico é o acesso das mulheres ao mundo do trabalho fora de casa, que passou de um fato polêmico, no início do século XX, para uma quase unanimidade em termos de reconhecimento de sua importância na virada deste mesmo século (Bruschini, 1994; IBGE, 2000; OIT, 2000; OMS, 2000). Vivendo um período marcado pela certeza de que se tem problemas, competiria aos indivíduos identificá-los e buscar formas de superá-los. O conceito de operações estabelecedoras, definidas como eventos ambientais que alteram a efetividade reforçadora de um estímulo, assim como evocam todo o comportamento, que no passado foi seguido por tal estímulo, parece descrever as estratégias utilizadas na manutenção dos vínculos afetivos contemporâneos, bem como as contingências que os mantêm.

O objetivo do presente trabalho é verificar de que forma as operações estabelecedoras operam na manutenção das relações conjugais contemporâneas, levando em consideração as mudanças na dinâmica social e econômica que a nossa sociedade tem experimentado.

Os vínculos conjugais contemporâneos revelam um retrato das influências externas, tais como os diferentes papéis assumidos por homens e mulheres, como, por exemplo, a mulher que foi trabalhar fora e o homem que foi convidado a trabalhar dentro. Essa saída da mulher pode ser interpretada pela conquista feminina do espaço público, como sugere Vaitsman (1995). Observa-se ainda na atualidade a redução do tamanho da família e suas múltiplas formas de relações



simbolizadas pelas famílias monoparentais, ou pelas de homossexuais ou ainda pelas famílias de recasados.

Os conflitos e as mudanças advindas da família contemporânea gera certa estranheza para os interessados no tema, motivo pela qual essa discussão se torna mais desafiadora. Assim, tentar responder questões inquietantes, como, por exemplo, que contingências levam as pessoas a casarem-se e manterem-se casadas, diante de tantas mudanças e dificuldades que o casamento enfrenta hoje, é também objetivo do seguinte trabalho.

Há consenso entre pesquisadores do tema, no sentido de que a família vive um período diferente, seja no sentido de adaptações às diversas mudanças sociais, econômicas e tecnológicas, seja pela suas forma de se constituir, manter-se e estruturar-se.

De acordo com cálculos do IBGE, para cada sete casamentos, há um divórcio, sendo que as mulheres separam-se mais cedo, entre 25 e 34 anos e os homens entre 30 e 39. A mesma pesquisa apontou a queda da taxa de fecundidade, que era de 5,8 filhos na década de 70 para 2,3 filhos nos dias atuais. O casal contemporâneo vive o conflito entre querer e poder ter filhos, conflito este que parece estar relacionado à individualidade e liberdade do casal, sobretudo das mulheres, já que elas têm adiado a gestação em função da sua realização profissional.

Alguns autores têm chamado à atenção para as habilidades que podem tornar as pessoas mais felizes e satisfeitas em suas relações conjugais, embora concordem que esta construção de vida em comum seja um contínuo exercício de aprendizado e compromisso que se perpetua ao longo da vida (Gottan e Silva, 2000). As habilidades sociais podem garantir em parte esse compromisso. Se apenas um dos cônjuges alcança um desenvolvimento sócio-afetivo rápido, o casamento pode sofrer conseqüências desse desenvolvimento social. A pessoa pode avaliar sua relação como insatisfatória e conseqüentemente procurar alternativas compatíveis ao seu estado atual, levando à ruptura do casamento.

Para Caballo (1980), as habilidades sociais devem ser consideradas levando em conta o meio cultural e os padrões de comunicação, tendo em vista as variações que ocorrem entre culturas e dentro de uma mesma cultura.

Ao longo de algumas décadas, Gottman (2000) tem se empenhado nas pesquisas sobre casamento. Segundo essas pesquisas, o perfil dos casais avaliados como felizes inclui a habilidade para viver no dia-a-dia, impedindo que os pensamentos e sentimentos negativos mútuos, comuns em todo o relacionamento, dominem os positivos. Para isso, é necessário que vivam um casamento emocionalmente inteligente, que seja reforçador para ambas as partes.

Um elemento importante da qualidade do relacionamento conjugal é uma relação sexual satisfatória. As pesquisas que relacionam satisfação conjugal e relacionamento sexual revelam a intimidade entre as duas variáveis. Na atualidade, as pessoas estão interessadas em manter uma vida sexual ativa e plenamente prazerosa, prova disso é o investimento científico em medicamentos para cuidar da impotência masculina e feminina. Féres-Carneiro (1997), numa pesquisa com homens e mulheres com diferentes faixas-etárias constatou a importância da atividade sexual para ambos. Tanto homens como mulheres demonstraram valorizar significativamente a relação sexual para uma vida a dois bem sucedida.

Féres-Carneiro (1997), afirma também que os ideais contemporâneos de relação conjugal enfatizam mais a autonomia e a satisfação de cada cônjuge do que os laços de dependência entre eles. Os casais contemporâneos são confrontados o tempo todo por duas forças paradoxais: os ideais individualistas e a necessidade de vivenciar a conjugalidade. A autora apontou diferenças semelhantes entre homens e mulheres. As mulheres descrevem a escolha amorosa como “apaixonada” e vêem o casamento como “ relação amorosa”. Por outro lado, os homens ressaltam a “atração física” na escolha amorosa e definiram o casamento como “ constituição de família” .

Outro aspecto a ser considerado é que na sociedade atual fomenta-se o sujeito auto-absorvido, produtor-consumidor, que adota uma postura hedonista e materialista. Dessa forma, a situação da família espelha a situação da sociedade como um todo. A vida social foi reduzida a um estado de guerra. A cultura é

orientada para o lucro e para o simultâneo empobrecimento das relações humanas – avós, pais, filhos, tios, sobrinhos e demais parentes agregados transformou-se em um núcleo: pais e filhos e daí para lares de mãe e filhos ou para casais sem filhos ou ainda lares impessoais.

Caballo (1999), afirma que a característica essencial da atividade humana é que o homem é um animal social, já que na maior parte do tempo passa em alguma forma de interação social e grande parte de sua vida depende ao menos, parcialmente, de suas habilidades sociais. Em épocas passadas, a vida era mais simples, havia menos sistemas e a mobilidade social era menor. Isso fazia com que as relações sociais fossem relativamente claras, com papéis claramente definidos. Na sociedade atual, o ritmo de vida é mais rápido e mais complexo e as regras mudam conforme o sistema em que se está atuando no momento. O indivíduo obriga-se, muitas vezes, a atuar em dois ou mais sistemas simultaneamente e isso requer uma considerável destreza social.

A presente discussão também tem como objetivo trazer contribuições para a Terapia de Casais, já que o que se presencia hoje é uma mudança no próprio conceito de família. Essas transformações que vêm ocorrendo nos últimos tempos impõem demandas e ansiedades aos indivíduos para as quais é necessário buscar respostas de enfrentamento. Lidar com essas ansiedades representa um problema nesta área, em que homens e mulheres têm procurado algum tipo de alívio ou solução, já que o compromisso da Terapia de Família não é com a manutenção ou ruptura do casamento, mas com a saúde emocional do casal e dos outros membros.

## **I – O surgimento do Casamento**

Segundo Duby (1999), os ritos do casamento foram instituídos para assegurar dentro da ordem social medieval a posse das mulheres pelos homens e assim, para oficializar a procriação e refrear a sensualidade feminina; para ordenar a desigualdade proclamada pela narrativa mítica da criação; e, por último, para fundar as relações de parentescos, móvel da sociedade como um todo. A evolução do casamento é traçada a partir do intenso processo de cristianização da sociedade. A Igreja tentou circunscrever a união conjugal a determinados interditos e regras para disciplinar a sexualidade dos indivíduos. Da sua condenação até a sua aceitação como um sacramento, o matrimônio passou por várias etapas. Justificado pelo ato da procriação, ele foi aos poucos enquadrado numa estrutura ideológica maior, moralizando os costumes e comportamentos sexuais. Na ótica de Duby, o modelo de casamento que dessexualizava a mulher, proposto pelos clérigos e padres, conviveu em paralelo com uma outra estratégia matrimonial em voga no contexto: o modelo leigo praticado pelas castas aristocratas. Essas tinham um objetivo menos espiritual e mais material na promoção do casamento, que era o de garantir e preservar o seu patrimônio fundiário numa sociedade onde a terra era o maior bem.

Os homens dos estratos superiores estabeleciam alianças matrimoniais fundamentados na noção de herança para reproduzirem as relações de poder e riqueza no seu meio. Ao filho varão primogênito era concedido o direito de casar e perpetuar os antepassados. Dentro dessa lógica, a mulher era destinada (com um dote) a um casamento arranjado, no qual a virgindade e a fidelidade da esposa eram os pilares da moral laica, a qual repudiava as mulheres que não deixassem herdeiros masculinos. A ética que sedimentava esse casamento comportava um duplo padrão sexual, tendo o homem, na prática, o direito de vivenciar amores ancilares e regimes de concubinato, tão comuns no período. A virilidade era exaltada no código cultural de valores. O modelo régio de casamento, então vulgarizado, privilegiava a masculinidade na linha de sucessão e excluía as mulheres da partilhas dos bens.

A discussão da condição feminina na sociedade feudal, na obra de Georges Duby, aprofunda-se quando, após caracterizar as duas morais que formam o

matrimônio, ele analisa a evolução do amor no cotidiano da vida a dois. Utilizando-se da ideologia dos clérigos, Duby traz como consensual o princípio de que a mulher era um ser fraco que deveria necessariamente viver sob os cuidados dos homens, portanto, submissa ao seu poder. Assim, o casamento era erguido sobre uma “desigualdade natural”.

A submissão feminina era constantemente alimentada pela literatura de cortesia masculina e a idéia projetada e sonhada de mulher se concretizava no cotidiano lúdico das cortes. Por outro lado, a literatura religiosa incentivava a vivência da conjugalidade, segundo os moldes propugnados pelos homens cristãos. As mulheres leigas deveriam assumir tal modelo, que apostava numa realização da feminilidade no casamento, na santidade e na maternidade.

Aos poucos, foi se realizando a convergência da moral dos clérigos e a dos cavaleiros, analisadas por estudos mais amplos e gerais referentes ao movimento da sociedade, como as práticas e os ritos do casamento, as estruturas de parentescos e o estudo sobre o amor.

Ao longo da história, a família ocupou diferentes funções na sociedade. Desde os primórdios, tendo como função básica a manutenção da riqueza e da propriedade, passando pela interferência dos dogmas religiosos, como a indissolubilidade do casamento, no cristianismo, até a inclusão da perspectiva amorosa com a escolha dos parceiros, a família vem sendo um refúgio nas sociedades capitalistas, de acordo com Lasch (1991) .

Os movimentos sociais da década de 60, como o feminismo, a liberação do divórcio, o surgimento da AIDS, também contribuíram substancialmente para importantes mudanças nas estruturas familiares. Gomes (1998, 2000), em seu trabalho de análise da dinâmica do casal ante o surgimento de sintomas nos filhos, aponta as dificuldades no estabelecimento dos papéis do homem e da mulher nos casamentos atuais. O homem se torna frágil perante uma sociedade competitiva e estressante, na qual vai se lhe tornando cada vez mais difícil desempenhar o papel de provedor da família, e não somente pela disputa da mulher no espaço externo ao lar. A mulher entra em sérios conflitos na escolha entre maternidade e/ou ascensão

profissional, o que permite, hoje, o estabelecimento de casamentos sem filhos, por opção pessoal, contrariando um pouco o pensamento winnicottiano.

Para o entendimento dessa realidade pós-moderna, é necessário que se crie uma "desconstrução" do conceito de casamento atrelado à constituição de uma família, já que o desenvolvimento da ciência permite a possibilidade da concepção "in vitro", o que gera novos padrões de estrutura familiar. As famílias vão se constituindo de uma forma mais ampla, incluindo os novos parceiros (marido da mãe/ esposa do pai) e os filhos e irmãos agregados. O pai perde substancialmente a tradicional figura e função, já que um grande número de famílias é constituído apenas pela figura materna.

Uma das características deste novo século baseia-se na noção de rapidez e mudança tecnológica aplicada ao universo dos relacionamentos afetivos. Calligaris (2001), discute bem essa questão, num artigo de jornal de grande circulação sobre a intercessão dessa paixão pelo novo, que tem como consequência o surgimento da cultura do descartável.

A literatura sobre história da sexualidade aponta para um fenômeno muito importante e prevalente até o século XVIII no mundo ocidental, que é a diferença entre o amor no casamento e o amor fora do casamento. Flandrin (1981) ressalta que o amor esteve presente na literatura ocidental pelo menos desde o século XII, mas este amor, salvo raras exceções, não é nunca um amor conjugal. O casamento tem por função - não somente entre os reis e os príncipes, mas em todos os níveis da sociedade - ligar duas famílias, e permitir que elas se perpetuem, muito mais do que satisfazer o amor de duas pessoas. O amor-paixão é essencialmente extraconjugal. Mas a partir do século XVIII, este quadro se modifica e as duas formas de amor, tradicionalmente opostas, são aproximadas. Um novo ideal de casamento vai-se constituindo aos poucos no Ocidente, em que se impõe aos cônjuges que se amem ou que pareçam se amar, e que tenham expectativas a respeito do amor. O erotismo extraconjugal entra no casamento e o amor-paixão é visto como modelo. Hoje ninguém duvida da dignidade do amor conjugal. A sociedade contemporânea não aceita mais que alguém possa se casar sem desejo e sem amor.

A relevância do casamento para os indivíduos na sociedade contemporânea é discutida historicamente por Foucault (1977) que estuda a articulação do papel da aliança e do papel da sexualidade e suas implicações institucionais. Foucault formula o conceito de "dispositivos" para explicar como a aliança e a sexualidade se articulam em aparelhos e instituições. Para ele, que estuda, sobretudo a constituição do modelo burguês de casamento, a produção da sexualidade está ligada a dispositivos de poder. Num primeiro momento, a sexualidade fez parte de uma técnica de poder centrada na aliança, onde ficou estabelecido todo um sistema de casamento, de fixação e desenvolvimento de parentescos, de transmissão de nomes e bens.

A família, segundo Figueira (1991), é uma instituição social que se modificou de acordo com as transformações sociais mais amplas. Essas transformações decorrem especialmente da participação da mulher no mercado de trabalho, devido às exigências econômicas atuais e à veiculação de uma nova imagem de mulher nos meios de comunicação de massa.

Nos anos 50, o modelo de família predominante era hierárquico, ou seja, a identidade dos membros era definida a partir da posição que ocupavam em relação ao poder patriarcal dominante. Nesse modelo, homem e mulher, pais e filhos são diferenciados a partir de normas e regras que sancionam o certo e o errado, o normal e o desviante. Essa estrutura foi gradativamente se modificando, embora não tenha desaparecido completamente. Em meados dos anos 80, um novo ideal de família começou a se delinear. É uma família mais igualitária, que demarca idiosincrasias. Não existe, como no modelo anterior, uma figura de poder que determina posições no sistema. Os membros da família são percebidos mais igualmente, com direitos similares, embora as diferenças sexuais e etárias continuem presentes. Instaura-se um ideal de liberdade e respeito à individualidade de cada um. Esvanecem as fronteiras de certo e errado, normal e desviante. Ambos os modelos coexistem na sociedade atual, sendo que o indivíduo convive com valores arcaicos e modernos ao mesmo tempo. Esses dois referenciais encontram-se presentes na legitimação e/ou transformação das práticas sociais.

## **II- Principais problemas apontados nas relações conjugais contemporâneas**

Nas últimas duas décadas, um considerável número de estudos psicossociais foram realizados em nosso país, dentre eles, Figueira (1981, 1987, 1991), Magalhães (1993), Nolasco (1996), Féres-Carneiro (1998) e Jablonski (1998) ao abordarem temas como representações sociais, apreensão de valores, relações familiares, casamento e separação atestam um fenômeno comum: a convivência de representações tradicionais e modernas. No modelo antigo, os dois sexos são concebidos como “naturalmente diferentes” tanto biopsíquica como socialmente. As identidades masculina e feminina configuram-se demarcadas com precisão-o que cabe a um exclui o outro, quer em comportamentos, atitudes e interesses. Neste modelo, o casamento é considerado indissolúvel, monogâmico e ligado à reprodução. A responsabilidade masculina é fundada no trabalho e na virilidade, caracterizada pela manutenção econômica da família e pela atitude protetora de seus membros. A feminina está calcada na preservação da sexualidade e no exercício da maternidade, caracterizada pela fidelidade conjugal e à dedicação ao lar e aos filhos. A dimensão pública masculina é mais valorizada que a privada feminina. A participação do homem e da mulher na área pertencente ao outro é eventual e descontínua.

O modelo novo é marcado pelo fenômeno do individualismo, peculiar dos grandes centros urbanos brasileiros. Neste novo modelo de família, as fronteiras de identidade entre os dois sexos são fluidas e permeáveis, com possibilidades plurais de representação: mulher oficial das forças armadas, homem dono-de-casa, mãe e pai solteiros, mulher chefe de família, casais homossexuais masculinos ou femininos, casais sem filhos por opção, produção independente e outros. O casamento já trás em si o embrião da dissolução, desde a ligação informal e descomprometida até o divórcio, crescentemente observado. A sexualidade dos parceiros é desvinculada da reprodução. No interior da relação é esperado que o homem seja, ao menos, um coadjuvante na criação dos filhos e nas lidas domésticas, e que a mulher exerça, no mínimo, um papel auxiliar quanto à economia familiar. Dessa forma, desejos e privilégios são compartilhados.

A partir dos estudos mencionados, pode-se destacar alguns fatores que contribuíram para a expansão do modelo novo de família, nas últimas décadas: o



crescimento da economia, a inserção da mulher no mercado de trabalho, modificando o cotidiano familiar, a escolaridade crescente da mulher, ampliando seu nível de compreensão, os avanços da medicina, permitindo o controle efetivo da função reprodutora, progressos científicos e tecnológicos. No entanto, o problema maior é que o discurso da nova mulher expressa, além do sentimento de culpa pela dificuldade de conciliação de interesses extradomésticos e realizações na dimensão pública com os papéis femininos internalizados, representados pelo “reinado no lar”, caracterizado pela paz, aconchego e plenitude.

Em estudos sobre ruptura e manutenção do casamento, Féres-Carneiro (2001), apresenta diferenças entre homens e mulheres. Os ideais de igualitarismo parecem ter sido mais absorvidos pelas mulheres, enquanto os homens mostram-se mais apegados aos valores tradicionais. As mulheres apresentam ainda maior possibilidade de realizarem mudanças e também de romperem o casamento do que os homens. Esses resultados podem sugerir que as diferenças entre os gêneros ainda sobrecarregam as mulheres que expressam almejar renovações e rupturas com as desigualdades de condições experimentadas.

Na clínica contemporânea, seja ela individual ou dedicada ao atendimento de casais, observa-se que muitas das queixas apresentadas pelos indivíduos estão associadas a problemas de relacionamento, envolvendo os filhos, a discrepância existente entre a idealização e a realidade da vida a dois, os tipos de escolhas amorosas, as separações e divórcios. O atendimento de casais, segundo Otero (2003), é a área de intervenção psicoterápica que se propõe a ajudar parceiros no enfrentamento dos problemas de relacionamento existentes entre eles, e em suas habilidades pessoais. Esse atendimento conjunto é denominado terapia de casal e não terapia conjugal como era chamada anteriormente dado que o foco de intervenção é a relação de parceiros. O atendimento é procurado por namorados, noivos, assim como casais heterossexuais ou homossexuais.

Féres Carneiro (1990), ao ressaltar as características individualistas do casal contemporâneo, enfatiza a importância da qualidade das relações estabelecidas entre os seus membros. A relação conjugal vai se manter enquanto for prazerosa e "útil" para os cônjuges. Valorizar os espaços individuais significa, muitas vezes,

fragilizar os espaços conjugais, assim como fortalecer a conjugalidade demanda, quase sempre, ceder diante das individualidades.

Singly (1993) afirma que numa sociedade onde o valor de referência é derivado do "eu", a família é importante, na medida em que ajuda cada um a constituir-se como indivíduo autônomo. Essa função da família põe em evidência suas contradições internas: ao mesmo tempo em que os laços de dependência são necessários, eles são negados. No laço conjugal, assim como na família, a necessidade de interdependência e a negação desta necessidade criam tensões internas. É preciso ser "um" em sendo "dois".

Simmel (1971) vai apontar para as sérias conseqüências que o ideal contemporâneo de casamento, onde se deseja o outro por inteiro e pretende-se penetrar em sua intimidade por completo, pode trazer. Os indivíduos têm que funcionar como reservatórios inesgotáveis de conteúdos psicológicos latentes e a satisfação da entrega total pode produzir uma sensação de esvaziamento. Há um aumento das expectativas, uma extrema idealização do outro e uma superexigência consigo mesmo, provocando tensão e conflito na relação conjugal, podendo levar à separação.

Jablonski (1991), em *Até que a vida nos separe*, livro que acaba de ser esgotado, aborda a questão do divórcio com originalidade e bom-humor. Formula o conceito de "fam-ilha", versão contemporânea da família tradicional, ou seja, uma ilha regida pela ideologia individualista, onde vigoram concomitantemente demandas paradoxais. A vida a dois é descrita por ele "quase como impossível", tendo em vista as contradições presentes no casamento contemporâneo: como conciliar monogamia e permissividade, permanência e apelo ao novo, vida familiar e realização pessoal.

Em pesquisa de dissertação de mestrado, Magalhães (1993) verificou, num grupo de 20 casais da classe média carioca, com idades variando de 25 a 55 anos, que todas as mulheres por ela entrevistadas, menos uma, definiram casamento como "relação amorosa", enquanto todos os homens do grupo, definiram casamento como "constituição de família". Estes resultados podem explicar, em parte, o fato de a demanda de separação conjugal apresentar-se como predominantemente

feminina. Para as mulheres, quando a relação conjugal não vai bem, sobretudo na sua vertente amorosa - admiração, intimidade e relacionamento sexual - a separação conjugal parece inevitável, tendo em vista que, para elas o casamento é, sobretudo, "relação de amor". Para os homens, entretanto, que definem o casamento como "constituição de família", o fato de a relação amorosa não estar bem não é suficiente para justificar o fim do casamento. Estes dados são confirmados também em estudos realizados na clínica com casais (Féres-Carneiro, 1980, 1995).

O desejo de separação aparece tanto na fala das mulheres como na fala dos homens, de ambas as faixas etárias, como um desejo predominantemente feminino:

"... eu, com 26 anos quis me separar: quer saber de uma coisa? Posso até ter me precipitado, mas eu não estava a fim disso para mim. Então eu fiz uma opção, não queria e acabou. Meio que na cara e na coragem eu me separei com um filho de um ano e uma filha de três e fui à luta..." (mulher)

"O desejo de separar surgiu por parte da minha ex-mulher, ela já vinha com essa idéia há algum tempo, mas eu fui tentando acalmá-la, falando que ela estava tomando uma atitude precipitada. Chegou um dia que ela não quis mais esperar, disse que queria o divórcio".(homem)

"... as atitudes que ele estava tomando eram de quem queria se separar, mas aí como ele tinha saído de casa para dar um tempo, eu deixei passar as festas de fim-de-ano, e dia dois de janeiro eu virei para ele e disse: Agora que já passou Natal e Reveillon você já decidiu o que quer? Ele falou "ainda não", aí eu disse, na dúvida, você sai de casa de vez." (mulher)

A causa desse rompimento estar sendo provocado pelas mulheres é primeiro porque não aceitam mais caladas as críticas do marido e não querem mais carregar sozinhas a responsabilidade pela educação dos filhos e pela administração da casa. E, segundo, pelo fato de o homem ainda não saber lidar com uma esposa que às vezes ganha mais dinheiro do que ele próprio. O homem perdeu sua Amélia. "Hoje ele é o bebê chorão que reivindica e reclama quando chega em casa e a mulher não está lá para esperá-lo", diz o psicanalista paulista Jacob Goldberg.

O divórcio, segundo Olds e Papalia (2000), quando ocorre, ou quando sua possibilidade se torna real na vida dos casados, é uma das mais importantes crises da vida do adulto. As pesquisas indicam que o casamento deixa as pessoas felizes. As pessoas casadas tendem a ser mais felizes que as não casadas, pois foi constatado que homens e mulheres beneficiam-se igualmente de um vínculo conjugal e o suporte econômico e emocional que ele implica. Os dois sexos têm diferentes expectativas em torno do casamento, oriundas das diferentes definições de intimidade. Para as mulheres, a intimidade conjugal implica compartilhar sentimentos, sendo que os homens expressam intimidade por meio do sexo, apoio prático, companheirismo e fazer coisas juntos.

Em um casamento, quando ocorre um desajuste conjugal, a responsabilidade pelo problema é de ambos os cônjuges, mesmo que aparentemente a situação aponte para um único responsável, pois geralmente o problema é compartilhado e aceito pelo outro. Muitos casamentos mantêm-se pela extrema dependência afetiva dos cônjuges, um do outro, que faz com que desajustes intensos sejam tolerados.

Dentre os principais problemas apontados nas relações conjugais contemporâneas, além dos já citados anteriormente, podem ser enfatizados: o nascimento dos filhos; o surgimento de rotinas, cujos cônjuges não aprendem a lidar com elas de maneira eficaz; a estabilização da vida sexual; o amadurecimento desigual do casal, pois as mudanças naturais que ocorrem com cada pessoa ao longo da vida podem gerar diferenças difíceis de conciliar nos parceiros.

Para algumas relações, o ciúme é expresso pelo parceiro que quer possuir exclusivamente a pessoa amada. No entanto, uma dose elevada de ciúmes que se prolonga no tempo pode afetar o funcionamento do casal. Em primeiro lugar pode levar à desconfiança sem motivo aparente ou por pequenas coisas. Um parceiro deixa de acreditar no outro e a dúvida instala-se de forma constante. Estes comportamentos provocam um afastamento do casal e a comunicação deteriora-se.

Não é raro que os problemas conjugais estejam relacionados com o tipo de contato que os seus elementos mantêm com a família de origem. Muitas vezes um dos elementos do casal queixa-se de que o seu cônjuge passa mais tempo com a

família, que nunca foi admitido na família do outro, que a família quer controlar a relação, entre outros.

A traição masculina apareceu tanto no discurso das mulheres como no dos homens, de ambas as faixas etárias, associada ao desejo feminino de separação. Diferentes estudos realizados em culturas diversas ressaltam o fato de os homens traírem mais que as mulheres (Buss & Barnes, 1988; Goldenberg, 2000; Jablonski, 1998; Nolasco, 1998; Trevisan, 1998). Nolasco (1998) discute como o sentimento de identidade masculina está relacionado ao de identidade sexual. Assim, relacionamentos sexuais freqüentes e numerosos com diferentes mulheres é, muitas vezes, um modo que os homens encontram de afirmação da sua masculinidade.

Goldenberg (2000), assinala a diferença de sentimentos associados à infidelidade masculina e à feminina ressaltando que, em investigação por ela realizada, apenas as mulheres relataram sentimento de culpa pela traição. Na medida em que a traição masculina é muito mais aceita culturalmente que a feminina, os homens conseguem lidar com a infidelidade de modo muito mais tranqüilo que as mulheres.

Por vezes, podem surgir mudanças na relação do casal ou no comportamento do companheiro que podem estar relacionadas com o aparecimento de perturbações psicológicas, tais como depressão, ansiedade, fobias, entre outras. A diversidade das perturbações psicológicas determina os comportamentos que se pode ter quando surge um problema deste tipo. A intervenção de um profissional, neste caso, pode tornar-se imprescindível.

O casal deve basear a sua relação num projeto comum e em interesses afins, porque isso contribuirá para o seu fortalecimento. Quando não existe nada que se possa partilhar, o casal não pode gozar momentos que sejam satisfatórios para ambos.

O sucesso no casamento está intimamente associado com a forma dos parceiros se comunicarem, tomarem decisões e lidarem com os conflitos. O casamento muda à medida que os parceiros amadurecem e lidam com novas questões, necessidades, desejos, expectativas e problemas. Ainda assim, padrões

estabelecidos na vida adulta afetam a qualidade do casamento na meia-idade. Segundo Wellers e Blakeslee (1995), os parceiros precisam desempenhar nove tarefas psicológicas: redefinir a ligação com a família de origem de cada um dos cônjuges, construir intimidade sem sacrificar a autonomia, ajustar-se à paternidade ou maternidade, preservando a privacidade, enfrentar as crises sem enfraquecer o laço conjugal, permitir a expressão segura do conflito, estabelecer relacionamento sexual gratificante, compartilhar alegria e divertimento, oferecer alimentação e apoio emocional e garantir romance ao mesmo tempo em que enfrentam a realidade.

### **III- Como os princípios comportamentais atuam nas relações conjugais**

Alguns autores afirmam que a queixa mais comum que leva o casal a submeter-se à terapia de casal é a comunicação pobre e deficiente. Esta mesma queixa é considerada pelos psicólogos clínicos como o problema mais prejudicial que os casais experimentam no relacionamento, segundo afirmam Geiss e O'leary, (1991), pois a deficiência na comunicação é um forte gerador de outros conflitos.

Problemas conjugais podem ser delineados a partir da existência de um padrão de desejabilidade projetada para a relação conjugal. Tal padrão delimita o que se deve e o que não se deve atingir numa relação. A crise gerada por este conflito leva muitos casais a um sentimento de frustração por não conseguir realizar um ideal de felicidade.

Em 1953, Skinner, no livro *Ciência e Comportamento Humano*, salientou o papel da análise do comportamento no estudo de sistemas sociais e também propôs um programa de pesquisa para o estudo da cultura que enfatizava a análise de contingências sociais e a seleção do comportamento pelas suas conseqüências. Ao se mencionar o modelo causal skinneriano, deve-se estar atento aos três níveis de determinação do comportamento - o filogenético, o ontogenético e o cultural. Essas determinações espelham as três formas de interação do organismo com o ambiente. A existência e o desenvolvimento do homem como espécie só foi possível devido a sua adaptação ao ambiente. A evolução biológica capacitou o homem a aprimorar-se enquanto espécie. Dessa forma, comportamentos foram e são selecionados por meio da ação seletiva do ambiente pelos processos de reforçamento, punição e extinção. Partindo-se dos princípios da Análise do Comportamento é possível construir planos de intervenção para terapia de casais.

O objetivo do atendimento psicoterápico a casais num enfoque comportamental é entender as queixas apresentadas por um casal e ajudá-lo a lidar com as dificuldades. Para isso é necessário que se examine toda a sua história de relacionamento passada e presente, como o namoro, como foi feita a escolha dos parceiros, o surgimento dos problemas, assim como a história de vida de cada um deles, pois as queixas de hoje têm componentes de ontem. Não raramente as

questões que atraíram os parceiros são as que geram problemas futuros. Os conflitos tornam-se fontes de punições mútuas. Os parceiros ficam privados de reforços e expostos à estimulação aversiva. Surgem sentimentos de frustração, decepção, mágoa, raiva e acusações recíprocas. São estabelecidos novos padrões de interação que comprometem a capacidade de expressão das necessidades individuais, desaparece dos seus repertórios a vontade de agradar o parceiro e podem surgir comportamentos de esquivas das situações aversivas. Com o passar do tempo, os parceiros vão, gradativamente, tornando-se menos tolerantes e aprendem a agir de modo aversivo, por exemplo, aumentando o tom de voz. O outro aprende que para acabar com aversividade, por exemplo, precisa ceder. O parceiro coercitivo é reforçado positivamente pela manifestação do parceiro à aversão (responde ou cede) e o outro é reforçado negativamente por responder a aversão.

Para a identificação de relações funcionais, o analista do comportamento utiliza o conceito de contingência como instrumento. O termo contingência é empregado para se referir a regras que especificam relações entre eventos ambientais ou entre comportamento e eventos ambientais (Skinner, Weingarten e Mechner, 1966; Schwartz e Gamzu, 1977). O enunciado de uma contingência é expresso em forma de afirmações do tipo "Se, então". A cláusula "se" pode especificar algum aspecto do comportamento (Weingarten e Mechner, 1966) ou do ambiente (Schwartz e Gamzu, 1977), e a cláusula "então" especifica o evento ambiental conseqüente. Assim como relações funcionais são instrumentos na busca de princípios mais gerais, contingências são utilizadas pelo psicólogo experimental na procura de relações funcionais. As contingências são as definições de variáveis independentes na análise experimental do comportamento (Todorov, 1981); isto é, a indicação das condições sob as quais a relação funcional será observada.

Contingência, na Análise do Comportamento, segundo Catânia, (1999) significa qualquer relação de dependência entre eventos ambientais ou entre eventos comportamentais e ambientais. O referido autor considera contingência como um termo técnico que enfatiza como a probabilidade de um evento pode ser afetada ou causada por outros eventos. A proposta dos analistas do comportamento é de que nos comportamos em função de dois grandes conjuntos de variáveis. Um dos conjuntos é o das variáveis atuais, das conseqüências presentes no ambiente e



o outro conjunto é o das variáveis históricas, ou seja, das conseqüências passadas. É importante ressaltar também a influência da história de interação que a espécie humana estabeleceu com os diversos ambientes ao longo de sua evolução. Para se analisar os comportamentos dos cônjuges numa relação é imprescindível que se analise não só as contingências atuais, mas também as contingências históricas.

Resumindo, a análise experimental do comportamento utiliza-se de contingências e de relações funcionais como instrumentos para o estudo de interações organismo-ambiente. O experimentador manipula contingências em busca de relações funcionais e das condições (variáveis de contexto) nas quais podem ser observadas. Um sistema de relações funcionais constituirá uma teoria útil se vier acompanhado de especificações de onde, no ambiente externo, as variáveis independentes e as variáveis de contexto devem ser encontradas.

Interações organismo-ambiente ocorrem sempre no tempo. O objeto de estudo não é uma coisa, mas um processo. A maior importância dada aos esforços de quantificação, nos últimos tempos, tem levado os estudos de análise experimental do comportamento a uma preocupação com processos estáveis. Para a análise do comportamento, e em especial para a resolução de problemas práticos pelo psicólogo, interessam também, e muito, as informações sobre processos em estágio de transição. Quando uma nova contingência entra em vigor, seus efeitos dependerão dos processos de interação que estão ocorrendo. O psicólogo experimental pode dispor as condições mais adequadas (ou menos inadequadas) para estudar essas transições, e também para estudar interações dos efeitos de diversas variáveis. O psicólogo no exercício profissional, entretanto, se defronta com um problema prático. A identificação dos processos de interação quase nunca pode ser feita após minucioso estudo experimental acerca de quais, dentre possíveis variáveis, estão presentes no caso que tem em mãos. O psicólogo depende nessas circunstâncias, da linguagem teórica da análise do comportamento para orientá-lo na identificação dos processos e nas possíveis intervenções. Ao refletir sobre essa linguagem e sobre sua aplicabilidade à realidade em que se vive, o psicólogo contribui para os trabalhos de análise conceitual e de revisão conceitual. Tratando-se de terapia de casais, o trabalho é a, ainda, mais complexo.

Geralmente, os indivíduos que enfrentam problemas conjugais queixam-se de carência, falta de atenção e reconhecimento, podendo apresentar padrões de comportamentos de insistência e cobrança em relação ao outro. A privação de afeto parece ser a variável controladora da queixa. O depoimento de um cliente do sexo masculino, 35 anos, casado há cinco anos é: “O maior problema das relações entre parceiros... tenho percebido isso em muitas famílias, é que as pessoas não têm mais tempo umas para as outras, eu me sinto sozinho em minha própria casa, minha mulher sai às sete da manhã e volta tarde da noite, cansadíssima, estressadíssima...” Se eu falo sobre isso, ela não admite, sinto-me privado de carinho, de aconchego, queria que pudéssemos conversar mais, ficar mais tempo juntos, que trabalhássemos menos...”

Otero (2003), indica quatro tipos de argumentos indicadores de discussões entre casais; a) a crítica; b) a exigência injusta ou ilegítima; c) o aborrecimento acumulado; d) o sentimento de rejeição. No entanto, é importante considerar que o comportamento de cada pessoa é mantido por eventos singulares e só pode ser compreendido estudado dentro do seu contexto, partindo-se do princípio que cada pessoa da díade aprendeu a se comportar nos relacionamentos íntimos através de suas próprias experiências de vida. As análises funcionais facilitam a realização de boas discriminações acerca das contingências atuais dos comportamentos dos pares, tornando-as passíveis de modificação. Permitem deslocar o foco da atenção da topografia para a função de um comportamento, pois comportamentos topograficamente parecidos têm função diferente.

Na discussão sobre casamento contemporâneo não se pode deixar de enfatizar as práticas culturais. A traição, por exemplo, é muito citada em estudos realizados em culturas diversas. Os resultados ressaltam o fato de que os homens traem mais que as mulheres (Buss & Barnes, 1988; Goldenberg, 2000; Jablonski, 1998; Nolasco, 1998; Trevisan, 1998). Nolasco (1998) já que, segundo os autores, o sentimento de identidade masculina está relacionado ao de identidade sexual. Assim, a traição masculina é mais aceita culturalmente do que a feminina.

Enquanto o conceito de Contingência é utilizado para analisar (e intervir em) comportamentos de indivíduos. Para analisar (e intervir em) comportamentos de

grupos, ou seja, práticas culturais, a Análise do Comportamento criou outra unidade de análise: a metacontingência. Metacontingência é a unidade de análise que descreve as relações contingentes (Se..., Então...) entre práticas culturais e suas conseqüências. Para criarmos ou utilizarmos uma metacontingência, temos que identificar os seguintes fatores:

- 1- Prática cultural de um grupo de indivíduos;
- 2- Conseqüências desta prática para o grupo.

Sendo as práticas culturais, formadas pelo conjunto dos comportamentos dos indivíduos em grupo, temos que o comportamento de determinado indivíduo desse grupo tem uma conseqüência específica que atinge somente a ele. Por outro lado, os comportamentos do grupo, enquanto conjunto, tem outras conseqüências, as conseqüências culturais. São estas que selecionarão as contingências comportamentais (individuais), compreendendo as práticas culturais.

Como o modelo causal do Behaviorismo Radical consiste no que é denominado de “seleção por conseqüências”. Neste modelo, o repertório comportamental do indivíduo não tem uma causa mecanicista (como pregam os seus críticos, dizendo que para os analistas do comportamento, tudo se resume ao estímulo que causa a resposta), mas antes, ele é produto de três espécies de seleção realizadas pelo ambiente. A seleção filogenética, que selecionou os comportamentos da espécie (comportamentos comuns a todos os membros de uma determinada espécie). A seleção ontogenética que consiste no conjunto de experiências que moldam o comportamento do indivíduo ao longo de sua vida. E por último, a seleção cultural, seleção que a cultura na qual o indivíduo está inserido realiza. O conceito de Metacontingência permite um entendimento acerca dos papéis assumidos por homens e mulheres na contemporaneidade.

As metacontingências nos permitem entender exatamente o relacionamento entre a influência que a cultura no comportamento do indivíduo, a influência que o conjunto de comportamentos do grupo tem para a cultura, e como a cultura realiza a seleção deste conjunto de comportamentos, o qual reflete no comportamento individual. Ainda, na sociedade atual, permanece um modelo cujas identidades

masculinas e femininas configuram-se demarcadas com distinção, pois o que cabe a um, exclui o outro, quer em comportamentos, atitudes e interesses. Neste modelo, a responsabilidade masculina é fundada no trabalho e na virilidade, caracterizada pela manutenção econômica da família e pela atitude protetora de seus membros. A feminina está calcada na preservação da sexualidade e no exercício da maternidade, caracterizada pela fidelidade conjugal e à dedicação ao lar e aos filhos. A dimensão pública masculina é mais valorizada que a privada feminina. A participação do homem e da mulher na área pertencente ao outro é eventual e descontínua. Há certos padrões para escolhas conjugais que parecem sofrer influência cultural e refletem no individualismo. Pesquisas indicam que os homens fazem essas escolhas, primeiramente, a partir de características físicas, como demonstra o depoimento a seguir: “Quando conheci C, achava que tinha ganhado na loteria. Era cinco anos mais nova que eu, linda, cabelos na cintura. A mulher que todo homem gostaria de ter. Casei rápido para garantir que ela seria minha. Foi um desastre. De repente percebi que não tínhamos nada em comum. Arranjei um emprego em Brasília, pois morávamos no Rio. Vim morar aqui sozinho e ia todo final de semana para casa, mas não adiantava. Comecei a ficar em Brasília nos fins de semana também. Nunca entendi direito o que aconteceu, vivíamos como dois estranhos. Nem sexo rolava mais. Um dia voltei pra casa e ela tinha voltado pra casa da mãe dela. Fiquei aliviado...”

A história de vida de cada um e a dos dois como membro de uma díade deve ser analisada para buscar se identificar quais as fontes de gratificação que cada um obtém na relação e em sua interação com o meio.

A análise funcional como instrumento teórico-metodológico permite que se estabeleça relação entre os comportamentos dos casais, seus antecedentes e conseqüentes, assim como se compreenda a funcionalidade e o porquê da manutenção desses comportamentos. Para o analista do comportamento não há um agente iniciador, nem mesmo o ambiente é iniciador, uma vez que se estuda a relação funcional. O organismo, segundo Skinner (1989), é somente o palco das interações. Uma análise funcional leva em conta aspectos de ambiente e a função que o comportamento tem naquele ambiente. Nas relações conjugais são estabelecidas relações funcionais denominadas reforçamento. O termo descreve uma relação entre uma classe de eventos que mudam em função de outra classe de

eventos. As contingências de reforço são um instrumento conceitual desenvolvido por Skinner que se tornou a ferramenta básica da Análise do Comportamento.

Pode-se analisar parte do comportamento de um casal, a partir do depoimento da cliente K: "Meu marido é assim, todo ciumento, brigão, não pensa para falar. Sempre que brigamos, eu choro e digo que eu o amo. Nós brigamos muito pelo ciúme dele... Ultimamente ele tem se controlado bastante, faz quase um mês que não estamos discutindo por nada. Foi desde o dia em que eu decidi que não me humilharia mais. Comecei a ignorar suas crises de ciúmes e não chorar mais. Também não tenho falado a cada briga que eu o amo...".

A cada vez que o parceiro demonstrava ciúme e brigava, K chorava e dizia que o amava e tudo ficava bem, portanto, há padrões de reforçamento que operam no funcionamento da relação entre ambos.

A aprendizagem operante é uma mudança no comportamento por causa das conseqüências e ocorre como resultado da relação entre um estímulo e uma ação. O comportamento do marido de brigar, evidenciando ciúmes, serve de estímulo para o comportamento de chorar da cliente, ao mesmo tempo em que o choro da mulher reforça a manutenção do comportamento do marido, ou seja, as ações de um reforçam as ações do outro.

#### **IV- Como produzir relações conjugais saudáveis**

Segundo Anton (2002), num relacionamento, cada elemento deposita no outro sonhos, ilusões e expectativas que, de um modo geral, nunca comunicou. Mas o parceiro não é nem deve converter-se num sonho; é uma realidade, uma pessoa que, tem os seus próprios desejos, necessidades, inquietações e preocupações. A única maneira de conhecer tudo isto é por meio da comunicação, valorizando as posições de ambos, na procura de um entendimento mútuo. Para que a comunicação seja adequada há que ter em conta alguns aspectos, tais como:

- Partir de uma premissa de respeito mútuo, na qual exista uma igualdade entre os elementos da relação;
- Verbalizar adequadamente sentimentos, desejos ou negações, sem ferir o outro;
- Não utilizar insultos ou desqualificações;
- Respeitar as opiniões do parceiro, incluindo as que contrariam as idéias do outro parceiro;
- Aceitar as renúncias do outro, aprendendo a ceder em benefício de ambos e elaborando acordos para que o prejudicado não seja sempre o mesmo;
- Não estar sempre a “lavar roupa suja”, comunicando o que nos magoou na altura em que aconteceu;
- Não utilizar mais a punição do que o reforço, pois reforçando os comportamentos positivos e os esforços da pessoa, ao invés de se centrar exclusivamente na repreensão de comportamentos negativos a relação será mais prazerosa para ambos.

Por vezes após algum tempo de relação, o casal apercebe-se das falhas um do outro e das incompatibilidades, o que pode levar à transformação dos sentimentos iniciais. Muitas pessoas dizem que os seus sentimentos mudaram, que já não sentem o mesmo.

O casal deve basear a sua relação num projeto comum e em interesses afins, porque isso contribuirá para o seu fortalecimento.

Nas últimas décadas, um corpo consistente de conhecimentos vem sendo produzido em psicologia do desenvolvimento, psicopatologia e psicologia clínica acerca das relações entre habilidades sociais, desenvolvimento sócio-emocional e saúde (Arón & Milicic, 1994; Cox & Schopler, 1995; Del Prette & Del Prette, 1996, 2003a; Lemos & Meneses, 2002; Marinho, 2003). Tais habilidades dizem respeito a comportamentos necessários a uma relação interpessoal bem-sucedida, conforme parâmetros típicos de cada contexto e cultura, podendo incluir os comportamentos de iniciar, manter e finalizar conversas; pedir ajuda; fazer e responder a perguntas; fazer e recusar pedidos; defender-se; expressar sentimentos, agrado e desagrado; pedir mudança no comportamento do outro; lidar com críticas e elogios; admitir erro e pedir desculpas e escutar empaticamente, dentre outros (Caballo, 2003; Falcone, 2002). Além do conteúdo da fala, são igualmente relevantes na determinação da habilidade social outros aspectos concomitantes ao falar, do tipo não verbais (Ex.: postura e contato visual), cognitivo-afetivos (Ex.: auto-eficácia e leitura do ambiente), fisiológicos (Ex.: respiração e taxa cardíaca) e aparência pessoal e atratividade física (Del Prette & Del Prette, 1999).

Embora a construção de um repertório socialmente habilidoso possa ocorrer em interações em contextos naturais sem treinamento formal, como no relacionamento entre pais e filhos, irmãos, colegas de escola, amigos e cônjuges (Gomide, 2003; Pacheco, Teixeira & Gomes, 1999), comumente falhas ocorrem neste processo de aprendizagem, ocasionando déficits relevantes em habilidades sociais. Há evidências crescentes de que déficits nestas habilidades estão correlacionados com fraco desempenho acadêmico, delinquência, abuso de drogas, crises conjugais e desordens emocionais variadas, como transtornos de ansiedade (Del Prette & Del Prette, 2001a, 2002a, 2003b; Marlatt, 1993).

A literatura apresenta formas de aplicação das intervenções para o desenvolvimento de habilidades sociais, dentre os quais se incluem habilidades de comunicação. Este é o caso de psicoterapia de casais (Cordova & Jacobson, 1999), tratamentos grupais para depressão (Hermolin, Rangé & Porto, 2000), intervenções junto a pessoas com fobia social (Markway, Carmin, Pollard & Flynn, 1999), pânico e agorafobia (Rangé, 2001), prevenção de violência doméstica (Haase, Käßler & Schaefer, 2000), manejo de dor crônica (Murta, 1999), manejo de estresse (Lipp,

1996), prevenção de recaída entre ex-alcoolistas (Marlatt, 1993) e programa de inserção ocupacional para jovens desempregados (Sarriera, Câmara & Berlim, 2000), dentre outros. Tipicamente, estas intervenções incluem o treino de habilidades como assertividade, empatia e manejo de raiva, além de outros focos de mudança requeridos por cada contexto e população.

Os agentes naturais de mudança são importantíssimos à eficácia do tratamento. Podem ser definidos como aquelas pessoas que pertencem de forma natural e estão de maneira relativamente permanente no local onde têm que acontecer as mudanças de comportamento. Os professores e os colegas de classe na escola, os pais e os esposos em casa, os irmãos e os amigos na comunidade, os supervisores e os colegas de trabalho são agentes de mudanças potenciais que se encontram disponíveis para realizar ou apoiar os procedimentos de tratamento no ambiente natural do paciente específico.

Segundo Maly Delliti (2006), a Terapia de Casais é uma das áreas de atuação mais desenvolvidas nas últimas décadas. A incidência de procura na Clínica Comportamental é muito alta, no entanto, cada casal é único e tem sua história específica de relacionamento e, portanto, sua terapia requer objetivos e estratégias próprias. A terapia sugere novas formas de relacionamento ajudando o casal a lidar com os problemas. A intervenção terapêutica consiste em aumentar a taxa de intercâmbios positivos de controle aversivo para positivo, em desenvolver habilidades comportamentais para manter uma relação de intimidade e reduzir a capacidade de erosão do reforçamento, pois com o tempo as pessoas costumam deixar de cuidar do relacionamento, assim como enfatizar a mudança comportamental, aumentar as interações positivas e diminuir as negativas, corrigir atribuições de culpa, identificar esquemas de reforçamento, identificar classes de respostas, propor tarefas na situação natural, treinar discriminação e generalização, alterando o valor do estímulo. Analisa-se também a interação sexual e quando padrões disfuncionais são identificados é feito o planejamento de estratégias terapêuticas, de acordo com a demanda.

Delitti (1995), propõem um modelo de Duplas Terapêuticas para a terapia de casais. Dessa forma é feita a análise de contingências de próprio comportamento e do comportamento do parceiro, pois o comportamento de cada pessoa é mantido por



eventos singulares e só pode ser compreendido dentro de seus contextos pessoais e únicos. Nesse tipo de intervenção, são realizadas sessões individuais para identificar a influência dos comportamentos na relação, ou seja, o controle recíproco, assim como identificar as características pessoais, sentimentos, regras e objetivos atuais e antigos de cada um dos cônjuges. São realizadas duas a três sessões individuais: cada terapeuta tende um dos membros do casal. Assim, cria-se um vínculo de confiança entre terapeuta e cliente para ajudar no enfrentamento do parceiro durante as sessões de casal. Esse modelo de atendimento em duplas tem proporcionado resultados surpreendentes nos últimos anos, segundo a mesma autora.

Algumas técnicas se destinam à aplicação da análise do comportamento aos problemas de relacionamento de casais. Para isto, os padrões comportamentais que trazem prejuízo ao casal são analisados e são propostas estratégias de alteração destes padrões e a instalação de outros repertórios que propiciem a instalação e manutenção de reforçadores positivos entre ambos. A história de vida de cada um e a dos dois são analisadas para identificar as contingências de reforçamento envolvidas. De modo geral Alguns dos objetivos gerais da intervenção terapêutica são:

1) aumentar a taxa de intercâmbios positivos em relação a negativos, dada a demonstração experimental da importância deste fator no ajuste conjugal;

2) desenvolver habilidades comportamentais para manter uma relação de intimidade;

3) reduzir a capacidade da erosão do reforçamento. Em resumo, são valorizados os aspectos funcionais do comportamento e suas conseqüências para os parceiros. Neste tipo de terapia é freqüentemente trabalhada a capacidade de comunicação, de partilhar e criar situações reforçadoras.

Os problemas conjugais estão entre os principais agentes de estresse, depressão e ansiedade. Problemas sexuais, falta de confiança, falta de comunicação, brigas constantes, agressão verbal e física constituem sinais de que a relação do casal não está bem. Situações de crise, raiva e violência, infidelidade, rompimento do relacionamento contra a vontade de um dos cônjuges e o momento de terminar o relacionamento podem ser alguns dos motivos pelos quais o casal

procura a terapia conjugal. Alguns elementos são essenciais ao desenvolvimento da estabilidade conjugal. Um bom indicativo dessa estabilidade pode ser aspirações, objetivos e interesses comuns do casal, somando-se e reforçando-se reciprocamente.

A meta principal da terapia de casais é favorecer o desenvolvimento de comportamentos que conduzam a um melhor relacionamento interpessoal. Para tanto, faz-se necessário buscar a história individual e familiar dos cônjuges e a história do relacionamento do casal. A partir do conhecimento das preferências, dos desejos, dos sonhos e das necessidades individuais e do casal, podem ser traçados objetivos comuns para os parceiros, que irão se engajar de forma mais satisfatória em seu relacionamento.

Inicialmente, a terapia familiar conduzida por terapeutas comportamentais era composta por técnicas oriundas da teoria da aprendizagem, com propósito de tratar indivíduos. Porém, por entender a complexidade do sistema familiar, os terapeutas familiares comportamentais ampliaram seus conhecimentos. Foi desenvolvida uma variedade de técnicas que auxiliam a administrar os problemas familiares. Destaca-se o treinamento de pais, a terapia conjugal comportamental, o treino de habilidades para a solução de problemas e o treino de habilidades de comunicação. Trata-se de intervenções que têm sido muito eficientes na abordagem dos problemas no contexto familiar. Cabe lembrar que, mais do que aplicar técnicas, o terapeuta familiar comportamental é aquele que faz avaliação e acompanhamento cuidadosos, estimula o entendimento das causas dos problemas e desenvolve habilidades de relacionamento interpessoal por considerar tais atitudes importantes para que a família possa deixar o consultório e seja capaz de resolver suas próprias dificuldades no futuro.

Segundo Branco (2006), terapeuta familiar, o casal é atendido em conjunto em sessões semanais ou quinzenais que duram uma hora ou mais. O terapeuta, que não é juiz, não dirá quem tem razão nem tomará partido. Deverá ser neutro, ajudando o casal a reconhecer os pontos responsáveis pelos maiores conflitos. Também poderá ensinar técnicas para melhorar a convivência. O casamento não é um meio de atingir a felicidade. Muitas vezes é sofrido e espinhoso, pois viver a dois

é mais difícil do que sozinho. Quando duas pessoas se relacionam, vivem momentos de amor e de rejeição, tristeza e solidão.

Numa união saudável, ambos devem sentir amor e atração sexual, além de poder expressar sentimentos, conseguir resolver conflitos e problemas que surgem naturalmente, respeitar diferenças individuais, ter responsabilidade por suas ações (sem esperar que o outro resolva suas carências) e relacionar-se fora do casamento, cultivando amigos e interesses. Muitas vezes, porém, as pessoas se casam à espera de que o outro vá prover suas necessidades materiais e psicológicas, solucionando problemas que já deveriam ter superado antes, com os pais, um terapeuta ou consigo próprias. Durante o processo terapêutico, o terapeuta precisa conhecer um pouco sobre a vida de cada um antes de se casar. O que buscava no parceiro? O que esperava do casamento? Como foi sua infância? Como era o lar de onde vieram? Cada um traz consigo o relacionamento dos pais e talvez busque no casamento um pai ou mãe ideais, que não tiveram na infância; ou procure repetir o modelo de sua família.

Recomenda-se a terapia quando um ou ambos estão infelizes, não conseguem se comunicar, expressar os sentimentos e se desentendem mesmo ao tentarem fazer o melhor. Quando, sozinhos, não conseguem esclarecer o que está errado, e um ou ambos pensam freqüentemente em separar-se. A terapia não é garantia contra o divórcio, nem é a salvação do casamento.

Os programas tradicionais de modificação de comportamento seguem um modelo de resolução de problemas de cinco etapas:

1. Identificação dos comportamentos críticos
2. Desenvolvimento de dados básicos
3. Identificação das conseqüências dos comportamentos
4. Desenvolvimento e implementação de uma estratégia de intervenção
5. Avaliação da melhoria do comportamento

A seguir, alguns procedimentos e técnicas comportamentais que auxiliam no tratamento dos problemas conjugais, lembrando que tais procedimentos têm a finalidade de eliminar sintomas que prejudicam a qualidade de vida dos parceiros,

ajudando-os a se conhecerem melhor, lidar com suas angústias, depressões e melhorar a comunicação e a assertividade.

## **1. Procedimentos de autocontrole**

O autocontrole é um conjunto de procedimentos esboçados para permitir que pacientes controlem seu próprio comportamento. O propósito do autocontrole é o de permitir aos pacientes que controlem tanto quanto possível seu próprio comportamento. No entanto, as técnicas de autocontrole têm, quando muito, somente efeitos modestos em curto prazo, quando utilizadas sozinhas. Os melhores resultados são obtidos quando constituem componentes de pacotes de tratamento que também contêm procedimentos de mudança de comportamento e contingências de reforçamento. Técnicas de autocontrole são imprescindíveis na terapia de casal quando há alta frequência de comportamentos agressivos entre os parceiros.

Alguns recursos de autocontrole são:

1. Ensinar aos pacientes alguma forma de auto-observação, de auto-avaliação e de auto-registro em relação às discussões e brigas com os cônjuges.
2. Introduzir um critério de "emparelhamento", como aquele em que as auto-avaliações dos pacientes sejam comparáveis às avaliações pelos cônjuges ou por outras pessoas significativas.

## **2. Técnicas de relaxamento**

A prática do relaxamento pode ser dividida em métodos que enfocam o relaxamento físico e métodos que enfocam o relaxamento mental. Todos os métodos podem ser igualmente eficazes, sendo que cada pessoa deve utilizar aquele que melhor funcionar para ela. Quando se está relaxado fisicamente, o relaxamento mental vem a seguir e vice-versa. A prática do relaxamento pode aliviar a ansiedade já que ela está muitíssimo presente na vida conjugal contemporânea, por este motivo, é necessário controlá-la. Desenvolvendo-se a capacidade de relaxar antes e durante situações estressantes, pode-se reduzir substancialmente a frequência e severidade da ansiedade experimentada.

### **3. Construção de Hierarquias e Atribuições de Tarefas Graduais**

Nesta técnica, o terapeuta estimula os cônjuges a fazerem uma lista de estímulos evocadores dos comportamentos visados, buscando ordená-los conforme a intensidade. A partir disso, terapeuta e pacientes trabalham juntos alternativas de enfrentamento, elaborando tarefas específicas que são dispostas em etapas, desde as de menor intensidade até aquelas mais ameaçadoras. Isto permite uma abordagem gradual do confronto com o objeto/acontecimento ameaçador.

#### **3.1 Construção de hierarquias de ansiedade**

Uma hierarquia de ansiedade é uma lista de estímulos evocadores de ansiedade, relacionados em conteúdo e ordenados segundo a quantidade de ansiedade que provocam. Estes estímulos podem ser objetos, pessoas, lugares, sentimentos internos ou uma combinação destas classes de estímulos numa hierarquia completa. O terapeuta ajuda o paciente a discutir quando, onde e sob que condição, acontece a resposta de ansiedade. Pede-se ao paciente que pense e descreva situações passadas e futuras que poderiam provocar a resposta. Encoraja-se o paciente a gerar tantos detalhes quanto sejam possíveis sobre a situação estimulante total. Quanto mais detalhes se obtenham sobre os estímulos externos e internos, mais capaz será o terapeuta de desenvolver uma cena clara, provocadora. Pede-se então ao paciente que escreva todas as possíveis situações provocadoras de ansiedade que possa se lembrar e que as descreva detalhadamente em cartões. Este trabalho é prescrito ao paciente como tarefa para casa e ele e o terapeuta revisam na sessão seguinte. Logo se pede ao paciente que coloque os cartões numa determinada ordem, segundo o nível de ansiedade que provoquem as situações estimulares.

### **4. Dessensibilização Sistemática**

A dessensibilização sistemática (DS) é uma intervenção terapêutica desenvolvida para eliminar o comportamento de medo e as síndromes de evitação, muito comuns quando o relacionamento não vai bem. O primeiro componente consiste em ensinar ao paciente uma resposta contrária à ansiedade. O relaxamento progressivo, ou algum outro procedimento geral de relaxamento é utilizado normalmente para este propósito; se bem que qualquer resposta contrária à

ansiedade que o paciente tenha, como a resposta de assertividade, bastará. Por exemplo, uma resposta assertiva inibe a experiência de ansiedade e, em consequência, servirá adequadamente como um agente anti-ansiedade. O segundo componente da DS implica em uma exposição graduada ao estímulo provocador de medo. A exposição pode ser concretizada através da imaginação ou ao vivo.

## **5. Criação de imagens**

Os métodos de criação de imagens são igualmente eficazes para aprender a relaxar, sendo, portanto, muito utilizados para controlar a ansiedade. A imaginação envolve a visualização ativa de cenas tranquilas e relaxantes. As cenas podem ser lugares reais que a pessoa conhece onde se sente segura e relaxada, ou podem ser cenas criadas para serem tranquilas, seguras e relaxantes. Quanto mais sentidos a pessoa for capaz de incorporar à sua imagem, mais relaxante esta terá chance de ser. Conseguindo-se imaginar cheiros, sons e sensações táteis, bem como aspecto visual da cena, maior será a capacidade de relaxamento.

## **6. Simulação**

O cliente é instruído a imaginar uma situação causadora de ansiedade e a se imaginar enfrentando-a com sucesso, utilizando as estratégias de enfrentamento que aprendeu para lidar com sua ansiedade.

## **7. O Contrato Comportamental**

O contrato comportamental se refere a uma técnica de terapia comportamental na qual se discute um acordo e se faz um contrato que especifique os comportamentos dos casais, recompensas e punições necessárias que serão aplicadas a uma determinada situação. O contrato pode ser verbal ou escrito, embora muitos terapeutas prefiram esta última forma, devido a que acrescenta clareza e proporciona aos indivíduos envolvidos um registro que guie seu comportamento e resolva os desacordos que possam surgir.

## **8. Reforçamento**

Central para todos os métodos operantes, o reforçamento é o principal procedimento para aumentar o comportamento. É importante selecionar cuidadosamente tanto o reforçador como o comportamento que se vai reforçar,

considerando que o que constitui um reforçador para um indivíduo não o será necessariamente para outro, principalmente quando envolve relacionamentos.

## **9. Extinção**

A extinção é, provavelmente, o método operante mais utilizado para diminuir o comportamento. Implica, em primeiro lugar, em determinar o que está reforçando o comportamento-objetivo e, em seguida, em eliminar esse reforçamento.

## **10. Manejo de Recompensa**

É recomendado para quadros fóbico-ansiosos. Cada aproximação do objeto e/ou situação temida deve ser seguida de alguma espécie de recompensa, associando-se, dessa forma, uma experiência agradável à vivência de medo. Além disso, a desconfirmação da conseqüência negativa esperada facilita um maior engajamento do paciente e leva a um aumento na freqüência das aproximações do estímulo temido. Da mesma maneira, muitos comportamentos de medo, indiretamente reforçados pelas demais pessoas, podem ser eliminados quando essas pessoas são instruídas a não mais recompensá-los.

## **11. Modelação**

É uma estratégia que permite ao paciente aprender um novo comportamento através da observação e imitação de um modelo, no caso, o terapeuta. Inicialmente, o paciente apenas observa a reação do terapeuta diante do estímulo temido e depois "copia" o comportamento demonstrado. A aprendizagem de que é possível ter reações controladas em face de situações temidas reduz o medo e facilita a aquisição de habilidades mais apropriadas. O terapeuta deve planejar demonstrações de acordo com as finalidades específicas do paciente.

### **11.1 Treinamento da Positividade**

Um grande componente do treinamento da positividade envolve tanto os processos cognitivos quanto a prática comportamental. Esta última consiste, em sua essência, no terapeuta ensinar ou exemplificar para o paciente os comportamentos desejados nas várias situações sociais. Isto é utilizado freqüentemente, sobretudo para distúrbios de ansiedade gerados nas crises conjugais.

## **12. Treinamento em Habilidades Sociais (THS)**

As habilidades sociais nas relações cotidianas têm sido vistas como fator crucial para a boa qualidade de vida de um indivíduo. Um dos contextos no qual o uso das habilidades sociais pode trazer muitos resultados positivos é no relacionamento conjugal. Pesquisas mostram que os principais fatores responsáveis pela satisfação conjugal são aqueles relacionados à competência social dos parceiros, porém muitos encontram dificuldades nesta área. Os resultados de estudos realizados por Bratfish, M. (1997) apontaram ganhos em termos de expressão de sentimentos positivos, manejo de críticas, resolução de problemas, valorização mútua, lidar com direitos e deveres, comunicação, confiança mútua, utilização de feedback e assertividade.

O treinamento em habilidades sociais (THS) é utilizado, também, em quadros de fobia social, baseando-se no princípio de que este transtorno se forma como consequência de déficits em habilidades e que o desenvolvimento de tais habilidades permite o entrosamento do indivíduo em situações interpessoais, reduzido a sua ansiedade de forma significativa. O paciente pratica o ensaio comportamental durante as sessões terapêuticas e tenta aplicar o que aprendeu na vida diária, a fim de aprimorar as habilidades sociais e elevar a auto-estima. O THS envolve desenvolver habilidades interpessoais (iniciar e manter conversação, defender os próprios direitos, expressar sentimentos, criticar e receber crítica, pedir, negar, etc.), bem como performance de falar em público (construção da fala, pronúncia, concentração no conteúdo da fala, etc.).

## **13. Avaliação do prazer**

Para cada atividade que se planeje, pede-se aos pacientes que avaliem em uma escala (p. ex., de 100 pontos) o grau que consideram ter dominado a tarefa e também o grau em que desfrutaram dela. Estas duas avaliações são independentes, visto que o paciente pode ter desfrutado ao fazer algo, apesar de não tê-lo feito tão bem como costumava fazer. O propósito desta tarefa é opor-se à cognição, "Nada mais me diverte", e reconhecer que o prazer e a destreza não são fenômenos dicotômicos. Além disso, aponta para certos vínculos entre situações e sentimentos que podem ter passado despercebidos durante a avaliação normal. Por exemplo,



pode tornar-se claro que o que o paciente mais gosta é de ver os amigos íntimos e que esta atividade alivia

#### **14. Jogo de areia**

O Jogo de Areia também pode ser utilizado como instrumento de intervenção. Além de expor os fundamentos teóricos sobre o tema, Carvalho (2000) relata um estudo de caso para o qual elegeu-se um casal como sujeitos, que correspondiam a um perfil previamente determinado com as seguintes características: período de união entre um e sete anos; ausência de filhos; classe sócio-econômica média e escolaridade mínima correspondente ao ensino básico. Com o intuito de verificar se tal instrumento em terapia conjugal viabiliza uma interação não-verbal entre o casal e promove uma conscientização de aspectos desconhecidos da relação, solicitou-se aos sujeitos que construíssem juntos um cenário de areia, representando o seu casamento. Depois se realizou uma entrevista breve e aplicou-se o Genograma com a finalidade de obter dados pessoais e de suas famílias de origem e por ser este um instrumento utilizado com regularidade em terapia familiar. Os dados obtidos foram analisados qualitativamente e observou-se que o revelar simultâneo de certas imagens pode possibilitar ao casal uma percepção nova e diferente sobre o relacionamento. Pôde ser observado que elementos significativos para o casal foram simbolizados no cenário, sendo estes depois averiguados e promoveram novas percepções sobre a dinâmica do casal.

Basicamente, os objetivos das estratégias mostradas acima são:

- a) Ajudar o casal a identificar os próprios sentimentos e os da outra pessoa, expressando-os e nomeando-os corretamente;
- b) Identificar os valores de vida que estão embutidos em cada comportamento/queixa;
- c) Desenvolver habilidades que permitam o aumento de interações positivas;
- d) Ajudar os parceiros a identificarem os modelos de interações que cada um traz consigo;
- e) Voltar para as histórias de vida de cada um tentando identificar em seu repertório a influência do modelo de interação dos pais;

- f) Clarear regras básicas, de modo a estabelecer regras de interação mais adaptativas.

Ao término da terapia, segundo Otero (2003), muito provavelmente, nem todos os problemas do casal estarão resolvidos, mas a terapia termina assim que os casais já adquiriram habilidades necessárias ao equacionamento das situações problemáticas, contemplando o processo psicoterápico de cada um dos parceiros, a própria terapia do casal, num mesmo processo.

## Conclusão

Os vínculos conjugais contemporâneos acompanham as próprias transformações econômicas, sociais e tecnológicas que permeiam a vida da família atual, seja pela nova forma de sua constituição, manutenção e organização. Dessa forma, os ideais da vida a dois se confrontam com a individualidade de cada um dos cônjuges, sendo que a relação só se mantém se for prazerosa e útil para os dois, dado o empobrecimento das relações que se tem observado. O IBGE aponta certa mudança estrutural da família nas últimas décadas. Nos anos 70, o que se via eram famílias numerosas, com muitos filhos, avós e outros parentes. Hoje, novos modelos de relações aparecem a cada dia, predominando a família-nuclear com um ou dois filhos, sobretudo, têm-se observado mulher “chefe da casa” e homem dono de casa “, mãe e pai solteiros, casais homossexuais masculinos ou femininos, casais sem filhos por opção, casais de recasados” e outros. No entanto, ainda é possível perceber características do modelo tradicional de família convivendo ao mesmo tempo com o moderno. No modelo antigo, os papéis de homens e mulheres são demarcados com precisão, cabe ao homem a responsabilidade pela manutenção econômica da família, a virilidade e espaço público. À mulher cabe a preservação da sexualidade, o exercício da maternidade, a fidelidade conjugal e o cuidado com os filhos e casa. No modelo atual é esperado, ao menos que o parceiro seja coadjuvante no cuidado aos filhos e à casa e que a mulher exerça, ao menos, um papel auxiliar na economia familiar. No entanto, as diferenças de gênero ainda sobrecarregam a mulher.

Ao longo da história, o casamento ocupou diversas funções na sociedade, desde a manutenção da riqueza e da propriedade, a imposição dos dogmas religiosos, até a inclusão do amor na escolha dos parceiros. No Brasil, os movimentos sociais das décadas de 60 e 70, como o feminismo, o divórcio, os métodos contraceptivos e mais tarde, o aparecimento da AIDS, contribuíram para as mudanças na estrutura da família e na função do casamento.

De acordo com Féres-Carneiro, os ideais de igualitarismo parecem ter sido mais assimilados pelas mulheres, enquanto os homens parecem estar mais apegados a valores tradicionais. As mulheres definem o casamento como “escolha amorosa” enquanto os homens o definem como “constituição de família” e a “atração

física como critério de escolha”, pois a identidade masculina está relacionada à identidade sexual. Talvez seja por isso, de acordo com as pesquisas e depoimentos colhidos no presente trabalho, que os homens traíam mais do que as mulheres, fato que é também mais aceito socialmente. Pôde-se também apontar a demanda da separação como escolha predominantemente feminina, pois o fato da relação não estar boa, para os homens, não justificaria o rompimento do casamento.

Embora a família viva esse momento de transformação e o início do casamento já traga consigo o embrião da dissolução, como diz Jablonski (1991), a cada dia, muitas pessoas continuam se casando. Pesquisas citadas por Olds e Papalia (2000), indicam que as pessoas casadas tendem a ser mais felizes que as não-casadas, pois se beneficiam do vínculo conjugal e do suporte econômico e emocional que ele implica. O sucesso no casamento está intimamente ligado com a forma de comunicação entre os parceiros e vai sofrendo alterações de acordo com o amadurecimento dos pares, que precisam adaptar-se às novas demandas da vida, como a redefinição da relação com a família de origem de cada um dos cônjuges, construção da intimidade sem sacrificar a autonomia, ajustar-se à paternidade e a maternidade, enfrentar crises sem enfraquecer o laço conjugal, permitir expressão segura dos conflitos existentes, estabelecer relacionamento sexual gratificante, compartilhar alegria, confiança e divertimento, assim como manutenção econômica, apoio emocional e ainda garantir romance, ao mesmo tempo.

Intervenções em terapia de casais numa abordagem que considera os princípios da Análise do Comportamento são possíveis e têm se mostrado eficazes, embora não se tenha muita produção escrita sobre o tema, na área clínica. O objetivo do atendimento psicoterápico a casais num enfoque comportamental é entender as queixas apresentadas pelo casal e ajudá-lo a lidar com as dificuldades. Os conflitos entre os parceiros tornam-se punições mútuas, deixando-os privados de reforços e expostos à estimulação aversiva, gerando sentimentos de frustração, decepção, mágoa e acusações recíprocas. O Analista do Comportamento utiliza análises funcionais como instrumento teórico-metodológico para entender a relação entre os comportamentos dos parceiros, seus antecedentes e conseqüentes para, posteriormente, propor o estabelecimento de novos padrões de interações positivas entre os cônjuges. É um campo vastíssimo que precisa ser mais bem explorado,

dada a complexidade das relações contemporâneas. As estratégias mais utilizadas na área incluem atividades como o treinamento em soluções de problemas, o treinamento em comunicação, a programação de condições para aumentar as trocas positivas entre o casal. A história de vida de cada um e a dos dois como membros de uma díade deve ser analisada para buscar se identificar quais as fontes de gratificação que cada um obtém na relação e em sua interação com o meio, buscando intercâmbios positivos.

Mais do que aplicar técnicas, o terapeuta familiar comportamental é aquele que faz avaliação e acompanhamento cuidadosos, estimula o entendimento das causas dos problemas e desenvolve habilidades de relacionamento interpessoal por considerar tais atitudes importantes para que a família possa deixar o consultório e ser capaz de resolver suas próprias dificuldades no futuro.

## Referências Bibliográficas

- Andery, M. A. & Sério, T.M. (1997). O conceito de metacontingências: afinal, a velha contingência de reforçamento é suficiente? ***Sobre Comportamento e Cognição: Aspectos teóricos, metodológicos e de formação em Análise do Comportamento e Terapia Cognitivista***, 3 (8),106-116
- Anton, I.C. (2002). ***Homens e mulheres: seus vínculos secretos***. Porto Alegre: Artmed.
- Baum, W.M. (1999). ***Compreender o Behaviorismo: Ciência, Comportamento e Cognição***. Porto Alegre: Artmed.
- Caballo, V.E. (1999). ***Manual de Técnicas de Terapia e Modificação do Comportamento***. São Paulo: Santos.
- Catania. A.C. (1999). ***Aprendizagem Comportamento, Linguagem e Cognição***. Porto Alegre: Artmed
- Costa, N. (2002). Terapia Analítico-Comportamental: dos Fundamentos Filosóficos à Relação com o Modelo Cognitivista. São Paulo: ESETec.
- Dias & Lopes. (2003). Representações de Maternidade de mães jovens e suas mães. ***Psicologia em Estudo***, 8 ( num esp), 63-73
- Duby, G. (2002). ***História Artística da Europa: a idade média***. São Paulo: Paz e Terra.
- Feres-carneiro, T. (1990). Casamento Contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. ***Psicologia, reflexão e Crítica***, 11 (3), 379-394.
- Figueiredo, P.M.V. (2005). A influência do locus de controle conjugal, das habilidades sociais conjugais e da comunicação conjugal na satisfação com o casamento. ***Ciências & Cognição***, 2 (06) ,65-78.
- Freeman, A. (1998). ***Compreendendo a Terapia Cognitiva***. São Paulo: Psy
- Garcia, M. L. T. & Tassara E. T. O. (2003). Problemas no casamento: uma análise qualitativa. ***Estudos Psicológicos***, 8 (8),127-133.
- Hawton, K. & Salkovisk, P. M. (1997). ***Terapia Cognitivo-Comportamental para Problemas Psiquiátricos: Um Guia Prático***. São Paulo: Martins Fontes
- Jablonski, B. (1998). ***Até que a vida nos separe: a crise no casamento contemporâneo***. Rio de janeiro: Agir

- Miguel, C. F. (2000). O conceito de Operação Estabelecedora na Análise do Comportamento. ***Teoria e Pesquisa***, 16 (03), 259-267.
- Negreiros & Féres-carneiro. (2004). Masculino e feminino na família contemporânea. ***Estudos e Pesquisas em Psicologia***, 4(01), 34-47.
- Olds, S. W. & Papalia, D. E. (2000). ***Desenvolvimento Humano***. Porto Alegre: Artmed
- Otero, V.R.L. & Ingberman. (2003). Terapia Comportamental de Casais: da teoria à prática. ***Sobre Comportamento e Cognição. Contingências e Metacontingências: contextos sócio-verbais e o comportamento do terapeuta***, 6 (13), 363-373)
- Silva, S. C.; Kátia O. & LUCIA, M. C. (2002). A inserção do jogo de areia em contexto psicoterapêutico hospitalar em enfermaria cirúrgica: um estudo exploratório. ***Psicologia Hospitalar***, 2(2), 223-245.
- Skinner, B.F. (2000). ***Ciência e Comportamento Humano***. São Paulo: Martins Fontes.
- Todorov, J. C. & Moreira, M. (2004). Análise experimental do comportamento e sociedade: um novo foco de estudo. ***Psicologia. Reflexão e Crítica***, 17(1), 25-29.